

A LEI DE DEUS

Lembra-te do dia de sábado, para o santificar. Seis dias trabalharás e fará toda a tua obra. Mas o sétimo dia é o sábado do Senhor, Teu Deus.

Êxodo 20:8-10a

Será que o Cristão deve obedecer aos Dez Mandamentos? Certamente! A Escritura diz no Novo Testamento, que o *resumo da Lei é amar a Deus sobre todas as coisas, e amar ao próximo como a ti mesmo (Evangelho de São Mateus, Capítulo 22, versículos 37-39)*. Desta forma foram escritos os Dez Mandamentos, pelo dedo de Deus, em *duas tábuas*: a Primeira Tábua, que continha do Primeiro ao Quarto está resumida em *amar a Deus*; e a Segunda Tábua, do Quinto ao Décimo Mandamentos, se resume em *amar ao próximo (Leia todos os mandamentos em Êxodo capítulo 20)*. Foi prometido que a Lei *seria escrita no coração* do Cristão, nesta presente época do Novo Testamento (*Livro do Profeta Jeremias, Capítulo 31, versículo 33 e Livro do Profeta Ezequiel, Capítulo 36, versículos 26 e 27*) ao que se refere *à similitude destes Dez Mandamentos*, que antes escritos por Deus em tábuas de pedra, agora, são transformados de pedra em carne, cujo qual é o coração daquele que crê, e hão de ser escritos neste, pelo dedo do mesmo Altíssimo, pelo ministério do

Anjo do Pacto, Jesus Cristo, (como foi citado na *Epístola aos Hebreus, Capítulo 8*).

Não só devemos obedecer a Lei de Deus, como também *amar esta lei*, uma vez que ela não é má, e sim boa. Na *Epístola aos Romanos, Capítulo 7, versículos 12 até 14*, o Apóstolo Paulo diz que a Lei é santa, pura, justa e espiritual. E em *Romanos, no Capítulo 3, versículo 31*, respondendo àqueles que diziam que, agora sob a promessa da Graça, isto é, do recebimento do favor imerecido de Deus pela Fé Somente, não há mais Lei, o Apóstolo Paulo diz que *Deus proíbe* dizer tal coisa, ou seja: ***Deus proíbe dizer que a Lei foi anulada pela Graça.***

A Graça, porque é o dom gratuito de Deus para a Vida Eterna, escreve, pelo Espírito de Deus, a Lei em nossos corações e, em lugar de anular a Lei, somente confirma e exalta todos estes mandamentos Divinos. Assim como o *pecado é a transgressão da Lei* (Primeira *Epístola de São João, capítulo 3, versículo 4*), o contrário do pecado, que é a *santidade*, só pode ser a *obediência à Lei*, e, a própria Escritura endossa em *Hebreus, Capítulo 12, versículo 14*, que sem *santidade, ninguém verá ao Senhor*.

Mas será que a Lei de que fala o Novo Testamento inclui os Dez Mandamentos? Sim, certamente. Leia em sua Bíblia que o Apóstolo Paulo, na Carta aos Cristãos residentes na cidade de Éfeso, cita o Quinto Mandamento – *honrar pai e mãe*, e aplica aos Efésios não só o mandamento, mas a promessa pela obediência (*Epístola de São Paulo aos Efésios, Capítulo 6, versículo 3*). Na *Primeira Epístola de João, Capítulo*

3, *versículo 15*, vemos o Sexto Mandamento, a saber: *não matarás*. No *Livro de Apocalipse, Capítulo 9*, o *Segundo*, o *Sexto*, o *Sétimo* e o *Nono mandamentos* são referidos. E além destes, sobejam citações e referências a todos os mandamentos no Novo Testamento, como discutimos mais largamente no folheto intitulado “*São os Dez Mandamentos para o Cristão hoje?*”.

E quando a Escritura fala *negativamente* sobre a Lei, como na *Epístola aos Romanos*, o que isto significa? Significa que *ninguém será justificado pelas obras da Lei* (nos *Capítulos 3, 7 e 9 de Romanos*, e no *Capítulo 3 da Epístola aos Gálatas*), isto é, que nossa obediência é sempre imperfeita e não é capaz de anular a dívida que temos pela herança da desobediência de Adão (que trouxe a Ira de Deus sobre toda a humanidade, *cf. o segundo capítulo do Livro de Gênesis*), nem a dívida que adquirimos pelos pecados que nós mesmos cometemos e temos cometido. Somente pela Fé em Jesus Cristo, por crermos na morte substitutiva dEle em nosso lugar, e por crermos na obediência dEle em lugar da nossa, é que somos salvos! Contudo, esta *Salvação pela Graça, anula a Fé?* Não. Antes a confirma. Pela fé somos *regenerados*, viemos a *nascer de novo*, com um *novo coração*, um *novo coração* que possui escrito em si mesmo e ama os Dez Mandamentos, e nos leva, pelo poder do Espírito Santo, a guardá-los.

II

O SABBATH DO SENHOR

O que contemplamos neste artigo, porém, é um mandamento específico dentre os Dez. O *quarto mandamento* – um dia de descanso, santificado, separado para especial serviço a Deus e ao próximo, e para o culto e adoração ao Senhor. Um dia em sete. Seria esta, como tantos dizem, uma instituição do Velho Testamento somente? Um mandamento *distinto dos outros Dez*, no conjunto das Tábuas da Lei, entregues pelo Senhor no monte Sinai? Deve o Cristão guardar um dia específico toda semana? Se sim, qual dia: o *Sábado* ou o *Domingo*?

A primeira menção ao Dia de Descanso ocorre no *Livro de Gênesis, Capítulo 2* onde, por maravilhosa misericórdia e bondade, o Deus Altíssimo *cumpriu Ele mesmo este mandamento* como exemplo e instrução, e, embora seja onipotente Espírito, *descansou* um dia em sete. Seguindo tal mandamento para o culto, para as gerações seguintes, vemos *Caim e Abel, no Capítulo 4 do Livro de Gênesis*, adorando ao Senhor neste mesmo dia separado. Aquilo que Deus *executou na Criação antes do Pecado* constitui, quando ordem para Adão e Eva, em *mandamento*, pelo exemplo, mesmo que não seja uma ordem escrita como se direcionada para nós. E foi, por exemplo, que o Senhor Jesus Cristo entendeu e expôs o Livro de Gênesis em seu ministério terreno, resolvendo, no *Evangelho de São Mateus*,

Capítulo 19, a disputa a respeito do divórcio, com implicações sobre a instituição da monogamia, com base em *Gênesis*, *sobrescrevendo e limitando a Lei de Moisés*, quando disse “*Não tendes lido que o Criador, desde o Princípio, fez...*”. Portanto o *Sabbath*, como é chamado em Hebraico (idioma principal do Velho Testamento originalmente) não era para Israel, ou somente por Moisés, e sim para ser *lembrado*, como diz no Livro de Êxodo, Capítulo 20, conforme anteriormente estabelecido, *desde a fundação do mundo, por toda a Criação*. Se antecedeu Israel, se antecedeu Moisés, e, mesmo, se antecedeu o Pecado, porque seria abolido? Ora, se o *quinto mandamento*, que foi dado para Moisés, e inclui uma promessa tão *judaica* em seu texto – *multiplicação dos dias na terra que o Senhor Deus te dá*, foi *transferido* pelo Apóstolo Paulo *diretamente* para os gentios Efésios, o que se dirá então do *quarto mandamento*, que antecedeu Abraão? Por isso nosso Senhor, Jesus Cristo, diz que o *Sabbath foi feito para o homem*, uma dádiva de Deus, não para *israel ou os judeus*, e sim para a humanidade, *para o homem, para a raça humana* ainda santificada e pura, em Adão, desde o Éden. Agora, sob a maldição do Pecado, certo é que *necessitamos desesperadamente de cada sinal da Graça Divina*, e, se não somos ímpios e sim desejosos de servir ao Altíssimo, nos regozijaremos em cada dádiva de Seu Amor, especialmente em tal dom que nos fora dado ainda no Éden.

Todavia, este mandamento aparece não somente no Gênesis veterotestamentario, como também na Nova Criação, nas profecias em que o Espírito de Deus inspirou o Profeta

Isaiás a escrever sobre o tempo em que o Messias, isto é, Jesus Cristo, viria ao mundo para nos salvar. O Capítulo 53 descreve nosso Senhor e a Nova Aliança prometida, na figura do *Servo Sofredor* (conforme os *Evangelhos de São Marcos, capítulo 15; São Mateus, Capítulo 8; São João, Capítulo 12; Atos dos Apóstolos, Capítulo 8 e muitas outras passagens*) que, sendo exaltado por Deus após a humilhação, recebe a recompensa do seu *penoso trabalho* na expansão mundial do Evangelho descrita no Capítulo 54 (conforme o *Evangelho de São João, Capítulo 6 e na Epístola de São Paulo aos Gálatas, Capítulo 4*). O Capítulo 55 do *Profeta Isaiás* possui também a promessa do perdão dos pecados para quem se arrepende e crê, portanto, a certeza do Evangelho em Cristo Jesus, como herdeiro de Davi (veja *Atos dos Apóstolos, capítulo 13*). Ainda no mesmo Espírito do Evangelho, nas bênçãos da Nova Aliança, temos o Capítulo 56 (que é citado e aplicado no *Evangelho de São Marcos, Capítulo 11 e de São Mateus, Capítulo 21*), onde, no versículo 2, do mesmo Capítulo 56, o Profeta Isaiás diz: “*Bem-aventurado o homem que faz isto, e o filho do homem que se apega firmemente a isto – que guarda o Sabbath de profanação*”, e no verso anterior “*minha salvação está prestes a vir, e a minha justiça, para se manifestar*”; esta salvação prestes a vir e ser revelada era a eminente Salvação pelo Cristo prometido, a alegria de Sião. A justiça pela Fé em Cristo, incluída nestas promessas da Nova Aliança e descritas por Isaiás, implica *adorar a Deus em Espírito e Verdade*, isto é, *servir a Deus em todos os deveres religiosos compreendidos* (incluídos igualmente na adoração pública,

no culto, para a qual o dia reservado é o Sabbath). Este Capítulo 56, em verdade, promete especificamente graças anexas ao Sabbath do Novo Testamento, o Sabbath da Nova Aliança, do Evangelho, dado por Deus em Cristo para os Gentios e distinto do velho Sabbath, dado aos Judeus, o que é claramente expresso no versículo 3, sob a promessa de plena aceitação dos *estrangeiros e eunucos*, o que somente ocorre na Nova Aliança em Cristo Jesus, que constitui a Igreja Cristã como *casa de oração para todos os povos*.

Mais adiante, no versículo 13, o Profeta Isaías explica o que é ‘guardar o Sabbath’, dizendo “*Se desviares o pé de profanar o Sabbath, e de cuidar dos teus próprios interesses no meu santo dia; Se chamares ao Sabbath deleitoso e santo dia do Senhor, digno de honra, e o honrares, não seguindo os teus caminhos, não pretendendo fazer a tua própria vontade, nem falando palavras vãs...*”. Este é o dever do Cristão, pelo Quarto Mandamento, ao que, nosso Senhor Deus bondosamente acrescenta uma promessa, a saber, “*Então te deleitarás no Senhor, e te farei cavalgar sobre as alturas da terra, e te sustentarei com a herança de teu pai Jacó*”. Veremos a Igreja de Cristo exaltada e alcançando as mais distantes nações com o Evangelho, e a restauração e conversão dos Judeus narrada no Capítulo 11 da Epístola de São Paulo aos Romanos; sim, o triunfo do Reino de Deus sobre as Trevas, quando, santificada e limpa pela Palavra, tivermos aprendido, como Igreja e Corpo de Cristo, a guardar o Sabbath do Senhor.

III

DE QUE SE TRATA A MUDANÇA NO SABBATH RELATADA NO NOVO TESTAMENTO?

A Reforma Protestante no século XVI foi um instrumento nas mãos do Senhor Deus para libertar Seu povo da Tirania da Igreja de Roma, das suas perseguições e matanças, das suas doutrinas mentirosas e superstições. Na Reforma a Bíblia foi traduzida e levada novamente para as mãos dos servos de Deus, o culto foi restaurado pela abolição das missas e rituais Romanos, e a Pregação foi exaltada e posta em lugar primordial na vida da Igreja.

João Calvino, teólogo e pastor de Genebra, foi um dos grandes estudiosos da Escritura, e trabalhou para estruturar o estudo da Bíblia Sagrada e explicar, sob a orientação do Espírito de Deus, e profundo estudo das línguas originais e seus contextos históricos, a Fé Cristã. Sobre o Quarto Mandamento ele diz: *“A finalidade desse preceito é que, estando mortos para as nossas paixões e para as nossas obras, meditemos no reino de Deus e, nessa meditação, exerçamos as nossas atividades pelos meios ordenados por ele. Contudo, visto que há aqui uma consideração particular e distinta dos outros, este caso requer uma exposição um tanto diversa. Os antigos doutores costumavam chamar isso de sombra, porque continha a observação externa do dia, a qual foi abolida com o advento de Cristo, como também*

as demais figuras. O que é verdade, mas isso só toca na questão parcialmente.”

Toca a questão parcialmente, disse Calvino, porque houve uma mudança neste mandamento, enquanto nos outros nada se altera. Uma mudança de compreensão do significado do Sabbath e uma mudança de dia, do sétimo para o oitavo – ou seja, do Sábado para o Domingo.

Porém, se não houvesse dificuldade alguma na interpretação deste preceito, não haveria também tantas dúvidas disseminadas sobre isto no meio da Cristandade, e mesmo no meio Evangélico e Protestante, e, ainda, depois do século XIX até mesmo entre os que se chamam Reformados (isto é, se identificam diretamente com a Reforma Protestante). Existem textos no Novo Testamento que dão a impressão que o Cristão não estaria obrigado a restringir seus interesses e ações de forma absoluta para dedicação ao Senhor em algum dia específico, toda semana. O Apóstolo Paulo, aos Colossenses diz que: *os dias de Sábado* seriam meras sombras das coisas ainda por vir (*Epístola aos Colossenses, Capítulo 2, versículos 16 e 17*) e aos Romanos que somente alguns viam diferença entre dia e dia enquanto outros consideram todos os dias iguais (*Epístola aos Romanos, Capítulo 14, versículo 5*), e que uma opinião não deveria se sobrepor sobre a outra.

A Escritura Sagrada toda torna o homem de Deus apto para toda a boa obra, disse o Apóstolo Paulo à Timóteo (*Segunda Epístola à Timóteo, Capítulo 3, versículos 14 até 16*) isto é, a Escritura inteira é usada para o aperfeiçoamento *prático*,

para *obediência*, do Cristão. E o que fazer quando o Velho Testamento e o Novo Testamento parecem não concordar? Devemos *comparar os textos, capítulos e histórias* porque o *Espírito de Deus não pode contradizer a Si próprio*. Já observamos que a Escritura ensina: que há um *Sabbath* para a Igreja Cristã, segundo o Profeta Isaías afirma; a perpetuidade da Lei de Deus estabelecida desde antes de Moisés, e que o *Sabbath* claramente estabelecido desde o *Gênesis*, tem de ser igualmente perpétuo como parte da *Lei de Deus*. Então como se harmonizam com o ensino do Apóstolo Paulo? Compreenderemos esta conclusão pela leitura e estudo do *contexto* das Epístolas aos Colossenses e aos Romanos. O que ocorria em Colossos e em Roma? Ocorria uma dificuldade que fora prenunciada no Livro de Atos dos Apóstolos – a árdua integração de Judeus convertidos e Gentios convertidos em uma só *nova e espiritual nação e reino*. Todo o argumento da Epístola aos Romanos e ao Colossenses culmina neste ponto: que a *parede de separação entre Judeus e Gentios fora retirada (conforme a Epístola de São Paulo aos Romanos, Capítulo 11 e também , Colossenses, Capítulo 3, versículo 11 e a Epístola aos Efésios, Capítulo 2, versículo 14)*, sendo tal parede o *escrito de dívida que pesava sobre os Judeus*, isto é, as *cerimônias e rituais religiosos do Antigo Testamento (conforme a Epístola aos Hebreus, Capítulos 4, 9 e 10)*. Estas cerimônias e rituais religiosos incluíam a circuncisão, lavagens, e, sobretudo, os sacrifícios e modos de culto e adoração ligados ao Tabernáculo de Moisés, e transferidos depois para o Templo

de Jerusalém, orientados especialmente em relação aos festivais anuais: Páscoa, Pentecostes e Tabernáculos (*No Livro de Moisés, chamado Êxodo Capítulo 12; e no mesmo livro de Êxodo, Capítulo 23*). Como a circuncisão foi substituída pelo batismo (*veja na Epístola de São Paulo aos Gálatas 5:2-6; e aos Filipenses 3:3; e aos Colossenses 2:8-12*), e hoje o sinal da entrada na Igreja de Cristo é o batismo, não mais continuamos praticando o sinal e selo do Velho Testamento, isto é, não praticamos mais a circuncisão (*segundo o Livro de Moisés chamado Gênesis, Capítulo 17, versículo 12*) e, sim, praticamos o batismo como sinal e selo de entrada na Igreja de Cristo. Um foi abolido, se tornou obsoleto, como diz o Apóstolo Paulo, para que o outro, que glorifica e anuncia mais poderosamente a Cristo Jesus, viesse a tomar seu lugar. Impôr a circuncisão aos Cristãos é exigir um ritual já abolido, trocar um sinal mais claro por um mais obscuro, um apropriado (pois é incruento, honrando a suficiência e eficácia do Sangue de Cristo derramado na Cruz, de uma vez por todas, para salvar aquele que crê) por um inapropriado (com derramamento de sangue, o que ofende o valor e poder do Sangue de Cristo e nos coloca de volta à *escravidão das cerimônias de Moisés*). Isto significa que certos ritos são inadmissíveis como parte da religião de Cristo, porque não podem ser separados do significado que tem, e, mesmo se supostamente executados sem este significado, sua adição a religião pura de nosso Senhor, levaria somente a superstição e obscuridade do paganismo e judaísmo. Como é a circuncisão, assim também a forma de

culto do Tabernáculo e Templo, que consistiam de muitas partes como, por exemplo, o sacrifício de animais e o soar das trombetas – e ambos foram abolidos com a obra completa de Cristo, e abandonados pela Igreja Cristã desde o século I. Tanto as *festas anuais judaicas*, como o culto do Templo estavam ligados por um conceito: o *Sabbath*, a separação de um ou mais *dias de descanso*, para a realização daqueles rituais.

Observe o exato paralelo de termos: estes *dias de descanso*, também denominados *sabbaton* (no original Grego do Novo Testamento), são apresentado pelo Apóstolo Paulo em Colossenses como um paralelo aos *dias de festas*, ou *heortes* (no original Grego do Novo Testamento, que aparece no Evangelho de São João e em Atos dos Apóstolos se referindo a *Pascha judaica*) e *luas novas*, ou *noumenias* (no original Grego do Novo Testamento, que, no Velho Testamento em Grego, aparece nas *festas judaicas* da lua nova, citadas no *livro de Moisés chamado Números, Capítulo 10, versículo 10*). A mesma forma de, com três termos, especificar os dias de *Sabbath* relacionados aos rituais do Templo, como aparece no Velho Testamento, é adotada pelo Apóstolo Paulo, nas referidas Epístolas.

Portanto, foram o culto e as cerimônias judaicas que foram abolidas, por serem uma *sombra*, um *prelúdio do Cristo que havia de vir*, e, assim como Ele veio e triunfou, voltar para aquelas coisas da Aliança de Moisés é uma ofensa a esta obra completa de Jesus Cristo. Ele disse: “Está consumado!”, e, se agirmos como se não estivesse

consumada esta obra, guardando *luas novas, páscoa, tabernáculos, pentecostes e similares* como dias de descanso, ou praticando a circuncisão, ou o modelo de culto do Templo de Jerusalém, estaríamos fazendo o Senhor Jesus Cristo de mentiroso, afirmando que “não está consumado!”. Embora as cerimônias tenham sido abolidas, a Lei, como guia da moral e para o discernimento do bem e do mal, permanece (lembre-se que Cristo não veio para abolir a Lei, mas para firmá-la). Os Dez Mandamento não são a Lei de Moisés sobre o Cristão, antes, os Dez Mandamentos são a Lei de Cristo para o Cristão! Não dada por Moisés no temível monte, e sim comunicados, todos e cada um dos Dez Mandamentos, desde o Gênesis, em Cristo e por Cristo, por que nEle todas as coisas foram criadas e subsistem, e para Ele foram criadas, e pelo Espírito de Cristo foram inscritas no coração regenerado de todo aquele que crê em Jesus Cristo. As Leis e Rituais Judaicos, passaram, contudo, quem diz que Ama a Deus e vive em pecado, é mentiroso, nos ensina o Novo Testamento. A retidão e justiça, agradam a Deus, e são uma exigência dEle para a constituição de *uma nação santa*, para a comprovação *de uma eleição e vocação genuínas*. Os Dez Mandamentos, exaltados por Jesus Cristo nos Evangelhos para além de uma obediência ritual e externa, são, dEle para o Cristão hoje.

Uma distinção, entretanto, foi inserida entre o Quarto Mandamento, administrado para os judeus, e o Quarto Mandamento administrado para os Cristãos: em lugar de comemorar o sétimo dia da criação material, o Cristão,

abandonando as coisas antigas, comemora o *oitavo dia*, a *nova criação em Cristo Jesus*, guardando um único descanso somente, a ressurreição de Jesus Cristo, o *Domingo* – e este é o *Dia do Senhor*.

É claro observar esta mudança na prática da Igreja Primitiva desde os relatos do Novo Testamento, em que, como nosso Senhor ressuscitou no Domingo, a comemoração desta ressurreição seguiu o padrão deste vero dia, e, em lugar de se reunir e separar um dia de Adoração, Louvor, Culto e Serviço no Sábado, passou-se a fazê-lo no Domingo. No século II um documento chamado *O Didaquê*, descrevia as práticas da Igreja daquela época, tão próxima da vida dos Apóstolos, quando muitos dos seus discípulos ainda viviam, diz: *“No Dia do Senhor, reúnam-se, partam o pão e tomem as ações de graça [na ceia do Senhor]...”*, e, no mesmo intuito, Inácio de Antioquia, no mesmo século primevo, disse: *“Se aqueles que andaram em costumes antigos vieram agora à uma nova esperança, não mais tendo vida no sábado, todavia no Dia do Senhor, no qual nossa vida também surgiu por meio dEle, de Sua morte”*. O companheiro do Apóstolo Paulo, Barnabé, em uma carta de sua autoria, escreveu: *“Os sábados deste tempo não me são mais aceitáveis, porém o que estou criando, no qual deixei para trás todas as coisas, operando o começo de um oitavo dia, o começo de outro mundo ... celebremos pois com alegria o oitavo dia, no qual, também, Jesus ressurgiu dos mortos...”*. Na Escritura Sagrada, esta mudança do sétimo dia judaico, para o Domingo Cristão, foi ordenada, pela perfeita ação e

instituição, do Senhor do Sábado (*Evangelho de São Mateus, Capítulo 12, versículo 8*), isto é, Jesus Cristo, o Deus Filho, o único com autoridade para mudar os tempos e o culto, e que, segundo a própria Lei, deve ser recebido como sumo-legislador (*Livro de Moisés chamado Deuteronômio, Capítulo 18, versículos 18 e 19*). Primeiro, vemos o *Capítulo 20, do Evangelho de São João*, onde, no *versículo 19*, no mesmo dia da ressurreição, os discípulos estavam reunidos, e Cristo Jesus lhes abençoou o tempo de orações e espera com o testemunho do cumprimento de todas as esperanças veterotestamentárias nEle. No *versículo 26*, sendo o *oitavo dia*, o Domingo, reuniam-se novamente os discípulos para o culto e, novamente, Cristo Jesus lhes visitou com o testemunho da ressurreição. Os textos paralelos de Lucas 24:1, Marcos 16:2 e Mateus 28:1 repetem o mesmo sobre a reunião no *primeiro dia da semana*. No dia de Pentecostes, (definido no Livro de Moisés, chamado *Levítico, capítulo 23, versículos 16, 17, 18, 19, 20, 21*, como “*a manhã depois do Sabbath semanal*”, o que corresponde ao Domingo), estando os discípulos reunidos (como anteriormente em Atos 1:14), o Espírito de Deus, conforme a promessa de Jesus Cristo, desceu sobre eles, para a prosperidade do Reino de Deus (Atos dos Apóstolos, *capítulo 2*). Na *Epístola de São Paulo aos Coríntios*, este dia separado para o culto foi confirmado como sendo o dia usual da coleta para os Santos pobres de Jerusalém e o dia em que o Apóstolo estaria dentre eles ensinando quando os visitasse (Primeira Epístola de São Paulo aos Coríntios, *capítulo 16, versículos 1 e 2*). Além

das referências históricas vistas, a *Epístola de São Paulo aos Hebreus* nos dá duas orientações sobre a doutrina do Sabbath Cristão, ordenando a guarda do Domingo como cumprimento do descanso do Quarto Mandamento. Em seu capítulo 1, a *Epístola aos Hebreus* diz, no versículo 6, que foi comandada a adoração de todos os anjos no dia em que Cristo foi gerado de novo, com um eco das palavras de Atos dos Apóstolos capítulo 13, que interpreta o Salmo 2, e, na continuidade de citações em *Hebreus* capítulo 1, contemplamos exatamente a vitória de Cristo que se cumpre em Seu Reino estabelecido, desde Sua ressurreição, até Sua segunda vinda. Eis que, conforme o Salmista diz “este foi o dia que Deus fez”, a *Epístola aos Hebreus* nos diz que, neste dia a adoração foi comandada por Deus para Cristo, estabelecendo um precedente, da ordem espiritual dos anjos para nós, segundo o paralelo do livro do Apocalipse de São João, Capítulo 1, e da declaração de que os anjos contemplam, com admiração, o culto da Igreja do Novo Testamento. Assim, no primeiro capítulo, *Hebreus* nos permite entender que Deus comandou o culto do Novo Testamento para o dia da ressurreição, o Domingo. Na mesma epístola, no capítulo 4, a mesma ordem de eventos é repetida, pois nos é dito que havendo um descanso prometido no Velho Testamento, um velho sabbath, desde agora já entramos na realidade dele, deixando para trás as sombras das cerimônias, com a ressurreição de Cristo Jesus; porém, ainda resta um descanso, ainda resta um sabbath, este, do oitavo dia, que perdura até o momento para anunciar que ainda resta uma

restauração plena a ser executada, quando nosso Senhor voltar. Até lá, nos esforçamos para alcançar o final descanso, enquanto guardamos o novo sabbath, adorando ao Senhor Jesus Cristo, no dia que por Ele foi apontado: o primeiro dia da semana, chamado Domingo.

Observando novamente o que prediz o Salmista, para o Novo Testamento e a Igreja de Cristo, tal como ecoa no Livro do Profeta Zacarias (capítulo 14), apregoando *Santidade ao SENHOR*, que, em um específico dia de solene reunião, nesta *santidade universal* - que era estranha ao caráter da casta sacerdotal do Antigo Testamento, e estranha aos Judeus que, desde a saída do Egito, carregavam consigo o tabernáculo de Moloch e adoravam o ídolo-estrela Renfã – a congregação adora unívoca na *beleza da santidade* (Salmo 110, versículo 3), no dia separado, como Zacarias também confirma, para adorar ao Rei das Nações, o Senhor dos Exércitos, em todo o mundo gentílico. Daí, e novamente, como o Evangelho de São Mateus, Capítulo 21, versículo 42 e Efésios, Capítulo 2, versículo 20 interpretam, este dia, igualmente previsto no Salmo 118, do qual a Epístola aos Hebreus nos falou, é aquele em que “*Deus o fez Senhor e Cristo*” (Atos dos Apóstolos, Capítulo 2, versículo 36), no qual todos nós, a Igreja de Cristo, celebramos com alegria, o “*dia que o Senhor fez*”, o chamado Dia do Senhor: o Domingo.

A última referência ao Domingo de Descanso está no Livro de Apocalipse, *capítulo 1, versículo 10*. Ali o Apóstolo João fala que foi tomado no *dia do Senhor*. A expressão utilizada no Livro do Profeta Isaías, *capítulo 58, versículo*

13 – *meu santo dia*. Os Cristãos Primitivos guardavam o *Sabbath Cristão no Domingo*, chamado *dia do Senhor*, de onde provém o termo *Domingo*, que significa *Domenico, do Senhor*, e de onde provém nosso costume de ter o comércio fechado e considerar cada Domingo, marcado no calendário usualmente com uma cor diferente, como *feriado*. Um *feriado*, uma pausa, de todos os trabalhos desta terra, exceto às obras de adoração ao *Senhor do Sabbath*, e às *obras de misericórdia e necessidade*.

A observância do Domingo como Dia do Senhor foi registrado na História Eclesiástica por Eusébio, nos primeiros séculos da Igreja Antiga, e, segundo este mesmo autor, seitas divergentes como os ebionitas, cerintianos e apolinarianos, que não compreenderam o mistério de Deus em Cristo e desviaram-se seguindo fábulas e doutrinas estranhas, foram notados também por guardarem o sábadu judaico no sétimo dia sendo, por este motivo também, condenados por heresia. Da Reforma Protestante, Theodore Beza, sobre Apocalipse 1:10, afirmou: “*Portanto, as assembléias divinas no Dia do Senhor vêm da tradição apostólica e realmente divina [pertencendo a santificação de cada sétimo dia... quanto ao culto divino, à lei moral imutável, como um preceito perpétuo por toda esta vida]...*” e outro, Martin Bucer, disse: “*Este também é certamente nosso dever de publicamente santificar à religião um dia em sete. Quem, pois, não percebe quão saudável é ao povo de Cristo fazer com que um dia da semana seja consagrado aos exercícios religiosos e sacros, de modo que nenhuma outra obra seja feita além da reunião em santas assembléias?*”.

IV

COMO DEVEMOS GUARDAR O DOMINGO, O DIA DO SENHOR?

O Quarto Mandamento não foi dado por Deus somente como uma força restritiva, somente para nos impedir de fazer coisas que queremos ou gostamos. Não é para nosso aprisionamento, e sim, para nossa liberdade. Para nos libertar dos poderes do pecado e dos poderes do mundo, e testar e treinar nossa alma em uma pequena símile da Eternidade, onde entraremos no *descanso eterno*. Este pequeno *descanso* de cada Domingo foi feito por Deus como dom e ato de benevolência, pois “O Sabbath foi feito para o homem e não o homem para o Sabbath” (Evangelho de São Marcos, Capítulo 2, versículo 27). Nosso corpo precisa de descanso, e todos sabemos disto. Dormimos, comemos, esperamos com ansiedade uma pausa dos afazeres para cuidar da família e de interesses pessoais. Para a alma, o mesmo se aplica, porém o descanso da alma não é a cessação de atividades físicas somente, e sim, aquilo que a aproxima de Cristo Jesus, que prometeu “*vinde a mim, vós que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviriei*”, isto é, vos darei *um descanso*. Ir até Cristo Jesus é crer nEle e exercer esta fé. Para obter, aumentar e exercer esta fé necessitamos de ouvir a pregação do Evangelho, de ler e meditar na Palavra de Deus, de adorar ao Senhor e de clamar por Suas promessas, assemelhando-nos a Ele, que é manso e puro

de coração. Tudo isto é o que compõe o Sabbath, o genuíno e profundo alívio e descanso que Cristo nos dá. Um dia em sete, o Domingo, para esquecer desta Terra e para antegozar o céu, quando livres dos anseios deste mundo, dedicados exclusivamente para adorar ao Senhor e nos satisfazer nEle, confiamos no Senhor que, ainda mais e especialmente neste dia, Ele nos dá descanso e alimento para nossas almas.

Portanto, o dia do Senhor, o Sabbath do Novo Testamento, é guardado e santificado propriamente quando *“os homens, depois de devidamente prepararem seus corações e organizarem suas tarefas comuns de antemão, não somente observam um santo descanso por todo o dia, deixando seus próprios trabalhos e ocupações, palavras e pensamentos sobre os empregos e recreações deste mundo, mas também se dedicam por todo o tempo em exercícios, públicos ou privados, de adoração [ao Senhor] e em deveres de necessidade e misericórdia”* (conforme diz a *Confissão de Fé de Westminster*, capítulo 21). Devemos abrir mão das conversas e ocupações comuns e lícitas deste mundo, no Sabbath, para escolher uma porção melhor, e vigiar nosso coração e mente para não vagarem pelas preocupações e lembranças da semana. Como os pensamentos e desejos também são regulados pelo Quarto Mandamento, sabemos que, diferente do que os Judeus passaram a fazer tornando o Sabbath um fardo, o Sabbath Cristão não é para a satisfação da vista de homens, e sim para que Deus nos contemple e se satisfaça em nós, como Seu Povo peculiar, enquanto nós O contemplamos na Plenitude da Sua Glória e

nos satisfazemos na suficiência dEle e das Suas Promessas.

Notemos que esta citação do parágrafo anterior pertence a um livro chamado “*Confissão de Fé de Westminster*”, escrito no século XVII por cerca de 150 pastores e teólogos do mundo todo, reunidos em oração, estudo bíblico e dedicação ao Senhor, sob os auspícios de outras reuniões semelhantes ocorridas em outros séculos, para elaborarem um sumário do ensino da Escritura Sagrada que pudesse ajudar a sanar as divisões que surgiram dentre os que se denominam Protestantes ou Evangélicos. A prática de elaborar Confissões nos acompanha desde a Igreja Primitiva, quando a primeira geração da Igreja de Cristo, no século II, elaborou o Credo Apostólico. Que todos tenham “*uma só fé*” e “*uma só mente*”, crendo na mesma doutrina, é a ordem que a Escritura Sagrada dá para o Povo de Deus (*Epístola de São Paulo aos Efésios, capítulo 4, versículo 5; Epístola de São Paulos aos Filipenses, Capítulo 2, versículo 2*). Esta união na Verdade permite um muito mais eficaz e poderoso testemunho da Fé e, como foi buscado no passado, deve ser buscado no presente. A leitura de livros como a “*Confissão de Fé de Westminster*” do ano de 1640, a “*Confissão de Fé da Bélgica*” de 1561, os “*Cânones de Dort*” de 1619, ou os “*Cânones do Concílio de Niceia*” do ano de 325, é necessária para emendar estas divisões e unir-nos em uma batalha contra os inimigos da fé, pela conversão de muitas almas e contra os que ensinam mentiras usando a Bíblia para manipular o povo com ganho próprio – unir-nos sem fingimento, sem politicismos, sem relativismo,

todavia com uma só doutrina, uma só fé, um só e o mesmo Cristianismo autêntico. Hoje estamos divididos em muitas denominações, o que enfraquece o testemunho da Fé diante do mundo, pois Jesus Cristo orou que todos fossemos um. Não como um império religioso, mas em voluntária e mútua submissão e ordem, as Igrejas deveriam se unir contra as falsas religiões, os falsos profetas que usam o nome de Cristo, a idolatria e a superstição, contra os poderes deste mundo maligno e para alcançar e discipular todas as nações em nome de nosso Salvador e Senhor. As Confissões de Fé também nos permitem preparar os membros da Igreja para explicar a razão da fé e combaterem heresias e se defenderem destas quando procurados por membros de seitas ou por adeptos de religiões ou filosofias contrárias à Bíblia Sagrada. A primeira Igreja e o primeiro Pastor de nosso País, a Igreja chamada *Igreja Evangélica* (Calvinista) ou *Igreja Evangélica* (Reformada) no Rio de Janeiro em 1860, e o pastor chamado Rev. João Manoel dos Santos, trouxeram a herança desta fé da Escócia para nós. Foi desta semente, da primeira Igreja no Brasil, que proveio a Igreja Puritana Reformada de hoje, que publica este presente folheto. Com a herança da Fé Histórica, vieram as Confissões de Fé, para estabelecer limites para a Doutrina e Prática da Igreja, como a Escritura comanda na Segunda Epístola de São Paulo a Timóteo, Capítulo 1, versículo 13, onde diz: “Conserva o *modelo das sãs palavras* que de mim tens ouvido, na fé e no amor que há em Cristo Jesus”. No século XVI, na Grã-Bretanha e suas colônias, os Presbiterianos,

os Congregacionais e os Batistas, confessavam uma mesma doutrina, e eram capazes de trabalhar unidos sob um mesmo governo e *establishment*, adotando todos a Confissão de Fé de Westminster. Mesmo 200 anos depois, na fundação da Igreja Evangélica no Brasil, a união de Escoceses como (Rev. Kalley e Rev. Hewitson), batistas (como Rev. Charles Spurgeon), e congregacionais (como Rev. Thomaz Palmer), para fundarem não várias denominações (para disputarem membros entre si), mas sim uma única Igreja com uma única Fé e uma única Prática aqui no Brasil, foi possível por causa da herança destes documentos históricos aprovados e registrados em Westminster. Voltemos aos marcos antigos! Não pela glória de homens, nem por tradição alguma, e sim porque tais documentos foram concebidos sob intensa oração e pregação, exclusivamente baseados na Escritura Sagrada, por homens santos, cheios do Espírito de Deus, sábios estudiosos, e de admirável Fé e intocada piedade e exemplo de vida. Nestes documentos ecoa o Evangelho Eterno, que foi pregado em todos os séculos anteriores pela Igreja de Cristo, e que pode nos conduzir de volta à toda piedade e a unidade de fé, na batalha contra um mundo crescentemente anti-cristão e carente de um testemunho sólido de santidade e obediência, um testemunho vivo da glória do nome do Senhor nesta terra.

A Confissão de Westminster e todas as igrejas que receberam-na em meio à Grande Reforma Protestante, lutando pela Verdade da Escritura, sustentavam, sobre o Sabbath Cristão, que *“uma proporção de tempo deve ser*

separada para a adoração a Deus; ...Ele particularmente apontou um dia em sete para ser o Sabbath, para ser guardado santo nEle” (Confissão de Fé de Westminster 21:7). Por séculos, toda a ortodoxia Cristã e a partir da Reforma Protestante, que reviveu esta antiga ortodoxia por ainda mais três séculos, as pessoas de todas as igrejas confessionais e históricas, de herança presbiteriana, congregacional ou batista, assim como, desde o século XIX, a *Igreja Evangélica* calvinista (a primeira igreja no Brasil que enfrentou e triunfou sobre o *establishment* Católico Romano, quando ainda era proibido pregar o Evangelho em nosso país) eram instruídas nesta mesma doutrina – a santificação do Domingo. A piedade e a obediência ao Senhor desapareceram apenas no decadente século XX, quando falsos profetas e falsos mestres, buscando lucro, fama e poder, criaram suas próprias igrejas e grupos, ignorando toda a história do Cristianismo e tomando com leviandade os sacrifícios daqueles que deram a própria vida para trazer o Evangelho a nosso país no século XIX e, antes disso, até mesmo aqueles que aqui pregaram e morreram sob perseguição da Igreja de Roma, no século XVII, no Brasil Holandês e durante o século XVI, com os Huguenotes mártires da Baía de Guanabara – todas as três incursões-filhas da Grande Reforma Protestante do século XVI, na qual também, em todo o mundo, muitos deram seu sangue pela Verdade da Palavra de Deus.

Um outro documento foi criado na mesma Assembléia, o *Catecismo Menor de Westminster*. Um *Catecismo* é um

livro de perguntas e respostas, e o uso de *Catecismos* é recomendado pela Escritura e antecede em muito as práticas *catequéticas* da Igreja de Roma. Na Reforma Protestante, como anteriormente por muitos séculos, *bons catecismos*, baseados na Escritura Sagrada, foram elaborados e usados para conduzir o estudo da Bíblia. O *Catecismo Menor de Westminster* na pergunta 58, diz “O Quarto Mandamento requer a guarda e santificação a Deus aqueles tempos que ele apontou em Sua Palavra; expressamente um dia em sete, para ser um santo Sabbath para Ele mesmo”, e “O Sabbath é para ser santificado por um descanso santo por todo o dia, mesmo daquelas ocupações comuns do mundo e das recreações que são lícitas nos outros dias; e por gastar o tempo todo em exercícios públicos ou privados de adoração e culto a Deus, exceto uma porção tal qual seja tomada nas obras de necessidade e misericórdia”.

Da Reforma Protestante, João Calvino, teólogo, afirmou, em pregação sobre o Livro de Deuteronômio: “Quando lemos seis dias trabalharás, o Senhor mostra que não nos deve parecer penoso que Ele separe um dia específico, quando nos concede seis em lugar de um”. Não nos deve parecer penoso, certamente, com toda a misericórdia Divina em nos dar seis dias por um, e certamente não quando nos requer um tão doce dever! Um Sabbath devidamente honrado é um prenúncio dos Céus. Quando entrarmos no descanso eterno, não teremos necessidades temporais a satisfazer, nem preocupações quanto aos deveres comuns deste mundo. Glorificados junto a Cristo Jesus na eternidade,

estaremos todos os dias, o dia inteiro ocupados com a vida espiritual da alma, servindo e adorando ao nosso Senhor e Deus. O Dia do Senhor nos prepara e nos testa, provando se realmente temos o anseio pelo mundo porvir, ou se nosso coração ainda pertence a esta terra miserável. Quem tem sido movido pela Graça Divina à contemplação de nosso Senhor e Salvador, se satisfaz tanto nEle que tem grande prazer em voluntariamente abraçar um dia de consagração a Ele, por semana, onde todas as preocupações e cuidados desta vida podem ser esquecidos, quando se pode experimentar um pequeno antegozo daquele descanso eterno. Thomas Watson, pastor da Reforma Protestante autor de um livro sobre o *Catecismo Menor de Westminster*, explicou: *“Para que eu vos impulsione a que santifiquem o Sabbath, considerem que grandes benções Deus prometeu para os que observam estritamente este Dia em Isaías 58:14. (1) Uma promessa de alegria: ‘então, te deleitarás no SENHOR.’ Deleitar-se em Deus é tanto um dever quanto uma recompensa. Neste texto é uma recompensa: ‘então, te deleitarás no SENHOR.’; como se Deus houvesse dito, Se tu guardares o Sabbath conscienciosamente, Eu te darei aquilo que te encherás de deleite; Se tu guardares o Sabbath voluntariamente, Eu te farei guardá-lo com alegria. Eu te darei largueza no cumprimento do dever, e aquele conforto interior que abundantemente te satisfará; tua alma superfluirá com tal corrente de alegria que tu dirás ‘Senhor, em guardar o Teu Sabbath há grande recompensa!’. (2) de honra: ‘E Eu te farei cavalgar sobre as alturas da terra’; isto é, Eu avançarei tua honra. (3) de terra*

e céus. *‘te sustentarei com a herança de Jacó’; isto é, Eu te alimentarei com todas as coisas deliciosas de Canaã, e depois Eu trasladarei a ti aos céus, dos quais Canaã era somente um tipo.*”

“Outra promessa é: *‘Bem-aventurado o homem que fizer isto, que se guarda de profanar o Sabbath’ (Isaiás 56:2). Bem-aventurado o homem; em Hebraico é abençoado. Para aquele que guardar o Sabbath santo, há bênção sobre bênção que pertencerão a ele; ele será abençoado com as superiores e as inferiores fontes; ele será abençoado em seu nome, estado, alma, progenitura. Quem não guardaria o Sabbath de ser profanado, para ter tantas bênçãos sobre si mesmo e sobre sua posteridade após ele? Novamente, uma guarda conscienciosa do Sabbath prepara o coração para servir a Deus durante toda a semana posterior. Cristão, o mais santo que você for no Sabbath, o mais santo você será na semana seguinte.*”

Outro teólogo da Reforma Protestante, Thomas Vincent, escreveu um livro de explicações sobre o *Catecismo Menor de Westminster*, que foi aprovado pelos outros pastores e teólogos da época, para esclarecer com mais detalhes o que significa o *descanso* do Dia do Senhor e como realizá-lo propriamente e bem. Ele o diz nos seguintes termos: o Dia do Senhor deve ser usado para *“os exercícios públicos de culto a Deus, como ouvir a Palavra de Deus, oração, receber o sacramento, cantar os Salmos, nas assembléias públicas do Povo de Deus. ‘E será que, de um Sabbath até o outro, toda a carne virá a adorar perante minha face’ (Isaiás 66:23);*

‘E veio a Nazaré, onde fora criado; e entrou, segundo Seu costume, num dia de Sábado, na Sinagoga, e levantou-se a ler (Lucas 4:16) ‘E no primeiro dia da semana, os Discípulos ajuntando-se a partir o pão, pregava Paulo para eles’ (Atos 20:7). ‘Um Salmo ou cântico para o Dia de Sabbath’ (Salmo 92:título)

“Devemos executar estes exercícios públicos de culto a Deus no Dia de Sabbath: (1) Com sinceridade, tendo respeito único a honra e glória de Deus, a quem o Sabbath pertence exclusivamente por direito. ‘Se chamares ao Sabbath santificado do Senhor, que deve ser honrado e o honrares’ (Isaías 58:13); (2) Com reverência, tanto de corpo como de mente. ‘Guarda o teu pé quando fores a Casa de Deus’ (Eclesiastes 5:1); ‘Para aquele atentarei, que é pobre e abatido de espírito, e treme da minha palavra’ (Isaías 66:2); (3) Com diligência e atenção. ‘No Sabbath, saímos da cidade para junto do rio, onde nos pareceu haver um lugar de oração. E Lídia, que adorava a Deus, nos escutava; o Senhor lhe abriu o coração para atender às coisas que Paulo dizia’ (Atos 16:13.14). (4) Com amor e fervor de espírito. ‘sede fervorosos de espírito, servindo ao Senhor’ (Romanos 12:11) (5) Com deleite e alegria. ‘se chamares ao Sabbath deleitoso’ (Isaías 58:13).”

No estudo sobre o *Catecismo*, outro autor, James Fisher, diz: “O Quarto Mandamento proíbe a omissão ou performance descuidada, dos deveres requeridos, e a profanação do dia por ociosidade, ou por fazer o que é em si mesmo pecaminoso, ou por pensamentos desnecessários, palavras ou obras

relacionadas aos nossos empregos no mundo comum ou recreações.”

A pergunta do estudo do Catecismo, relacionada ao Sabbath, traz o seguinte: *“Não podem aquelas tais obras de nossos chamados particulares serem feitas no Dia de Sabbath, que não possam serem feitas em tempo mais adequado ou vantajoso em outro dia da semana?”* e a resposta de Thomas Vincent: *“Há algumas obras de nossos chamados particulares que podem parecer serem mais apropriadas ou vantajosas no Dia de Sabbath, e, mesmo assim, é nosso dever descansar deles, e completamente abandoná-las, como: abater animais para prepará-los para o mercado de Segunda-feira; arar, colher, ajuntar milho ou cereal, fazendo montes de palha enquanto o sol brilha e o clima é o mais propício; vender frutas, ou outros bens, no Dia de Sabbath, quando pode haver mais clientes para estes; vender ou comprar peixe neste dia, o qual sob um clima quente pode cheirar mal se guardado até Segunda. Estas e semelhantes ocupações comuns nós devemos abandonar por virtude deste mandamento, pois são nossas próprias obras; quaisquer perdas que necessitemos suportar por deixar de fazer estas coisas, certamente não é comparável com a perda do favor de Deus e o ferir de nossa consciência e a perda de nossas almas para sempre, o que é o fruto de viver quebrando a Lei de Deus. . . Se tais obras como estas devem ser evitadas no Sabbath, muito mais aqueles trabalhos de nossas vocações que podem ser realizados durante a semana tão bem como seria no Sabbath.”* A leitura do Livro do Profeta Neemias, no

Capítulo 13, versículos 15 até 18, nos dá um exemplo de como guardar e santificar o Dia do Senhor, evitando nossas atividades comuns.

De volta a James Fisher, seu estudo aprofunda-se a respeito da *indulgência, ou guarda descuidada do Sabbath*, caracterizando-a como: “Quando se no decorrer do Sabbath, se faz a guarda de maneira parcial, formal, ou sem vida (Mateus 15:8); (1) de maneira parcial é quando se performa alguns deles, mas se omite outros igualmente necessários; como quando, atende-se aos exercícios públicos, porém se negligencia os exercícios privados de culto a Deus, ou o contrário; (2) de maneira formal é quando se detêm a performance externa somente, sem se preocupar com o modo pelo qual deve ser feita, ou o princípio vital da qual deveria fluir (2 Timóteo 3:5).”, e diz ainda “A ociosidade aqui proibida é o vagabundear de modo preguiçoso, indolente ou inativo, sem real benefício ou vantagem para a alma ou o corpo (Mateus 20:3).” Isto diz respeito tanto ao momento em que se está engajado nos exercícios de adoração, quanto ao tempo entre estes. No momento de culto, público ou privado, toda a atenção, desejos, anseios e pensamentos devem se voltar para Deus. Deve-se chegar cedo ao lugar onde ocorrerá a reunião e, preparando-se para a solenidade pública, meditar e orar. Especialmente quando se aproxima o tempo do culto, ainda mais se já se ocupa o lugar onde o mesmo será realizado, não devemos nos voltar para conversas corriqueiras, medidas, cumprimentos ou similares, nem trocar mensagens de semelhante conteúdo

nos celulares, tablets e aparelhos eletrônicos (os quais, nos momentos de introspecção e preparação, antes e depois do culto, e, sem dúvida alguma, no momento do culto em si, deveria permanecer *offline* ou desligados). O Sabbath não é um dia para distrações, conversinhas tolas, longos períodos de alimentação ou alimentação pesada, ou qualquer coisa que nos subtraia a capacidade de atenção ou o humor sóbrio necessário para contemplar as realidades Eternas. Nos momentos de preparação e no culto todos devem estar em silêncio e demonstrarem respeito, inclusive as crianças. Como sobejam na Bíblia os exemplos, sendo membros da Aliança pelo batismo, os filhos dos crentes devem participar da solene convocação nos momentos de adoração pública e privada, e são responsáveis, sob o comando e governo dos pais, pelo seu silêncio e bom comportamento (conforme Deuteronômio 31:12,13; 2 Crônicas 20:13; 2 Crônicas 31:18; Êxodo 10:1,2; Neemias 12:43). Sem temor aos homens, para que Deus seja exaltado sobre todos nós, os pais devem manter os filhos quietos, com o auxílio dos diáconos se necessário, mesmo que para isto tenham de se impôr sobre a criança retirando-a do recinto para um adequado castigo ou repreensão.

Não somente sobre os filhos pequenos no culto público, como também em toda parte, os cabeças das famílias, corporações e nações, tem uma obrigação especial em zelar pelos que estão sob si, nos deveres do Sabbath. O pai é responsável pela guarda do Sabbath dos filhos *durante todo o dia*, assim como pelos servos e estrangeiros das

suas portas para dentro, e deve *dar ordens* e *vigiar* todos a respeito disto. Este, para com todos sob sua esfera de poder e autoridade, é o dever também dos magistrados civis e senhores corporativos de, não somente garantir a *liberdade necessária para os filhos da Aliança guardarem o Sabbath*, como o de não permitir a quebra do mesmo, em seus domínios, por quem não tem temor do Altíssimo.

Há uma obra, além do culto e adoração ao Senhor, da qual é lícito se ocupar no Sabbath: é lícito *fazer o bem no Sabbath*. Toda obra de bondade e misericórdia, assim como toda obra de necessidade faz parte do que compõe o Dia do Senhor. O estudo do *Catecismo* por Thomas Vincent explica: “As obras as quais Deus nos permite fazer no Dia de Sabbath, além daquelas que Ele principalmente nos ordena fazer, são as obras de necessidade e misericórdia, como comer, beber, defender-se de inimigos, apagar incêndios de casas, visitar os enfermos, auxiliar os pobres, alimentar o gado, e similares; em coisas tais quais não temos uma referência principalmente em nós mesmos ou em vantagem temporal, mas em sermos tão espirituais quanto pudermos ser ao fazê-las”. ‘Naquele tempo passou Jesus pelas searas, em um Dia de Sabbath; e os seus discípulos, tendo fome, começaram a colher espigas, e a comer. E os fariseus, vendo isto, disseram-lhe: Eis que os teus discípulos fazem o que não é lícito fazer num sábado. Ele, porém, lhes disse: Não tendes lido o que fez Davi, quando teve fome, ele e os que com ele estavam?’ (Mateus 12:1-3); ‘Mas, se vós soubésseis o que significa: Misericórdia quero, e não sacrifício, não condenaríeis os inocentes.’ (versículo 7). ‘e

eles, para o acusarem, o interrogaram, dizendo: É lícito curar no Dia de Sabbath? E ele lhes disse: Qual dentre vós será o homem que tendo uma ovelha, se num sábadó ela cair numa cova, não lançará mão dela, e a levantará? Pois, quanto mais vale um homem do que uma ovelha? É, por conseqüência, lícito fazer bem no Dia de Sabbath.’ (Mateus 12:10-12); ‘E, tomando a palavra o príncipe da sinagoga, indignado porque Jesus curava no Dia de Sabbath, disse à multidão: Seis dias há em que é mister trabalhar; nestes, pois, vinde para serdes curados, e não no Dia de Sabbath. Respondeu-lhe, porém, o Senhor, e disse: Hipócrita, no dia de Sabbath não desprende da manjedoura cada um de vós o seu boi, ou jumento, e não o leva a beber? E não convinha soltar desta prisão, no dia de sábadó, esta filha de Abraão, a qual há dezoito anos Satanás tinha presa?’ (Lucas 13:14-16).

Devemos nos abster de *recreações lícitas* no Dia do Senhor, como nos abstemos do trabalho comum? Sim, como podemos acompanhar no estudo de James Fisher sobre o Catecismo: “*Porque se nos requer expressamente que nos abstenhamos de fazer aquilo que pertence ao nosso próprio caminho, ou buscarmos o nosso próprio prazer, ou falar nossas próprias palavras, cf. Isaías 58:13. Passatempos inocentes, visitas á casa de amigos, caminhadas pelos campos, falar de novidades ou notícias ou de coisas comuns, que são recreações lícitas nos outros dias, no Dia do Senhor não são, pois tendem a fazer vagar nossa mente para longe dos deveres do Sabbath, tanto quanto, senão mais, do que mesmo o trabalho comum diário. Podemos, com moderação,*

descansar nossos corpos no Sabbath, mas nossas conversas devem se voltar totalmente a assuntos espirituais ou celestiais, ou que tenham uma tendência para isto, segundo o exemplo de nosso Senhor, cf. Lucas 14:1-25”.

E quanto ao uso de Internet? Viagens maiores que o tempo necessário para ir a Igreja? Uso de transporte público ou outra forma de transporte pago? Provas de escola, concursos ou vestibular? Votar no dia das eleições? Para toda e qualquer dúvida prática, as duas regras do Dia do Senhor devem ser consideradas, com firmeza e temor: (1) É uma necessidade? Se não é *necessário*, não faça. A Glória de Deus é mais preciosa do que todas as coisas da Terra, e o dano possível para a consciência ou alma maior do que a perda de qualquer bem material. E o que é uma *necessidade*? James Fisher respondeu: “*O que não poderia ser previsto, e portanto, provido no dia anterior, e não pode ser deixado para o dia seguinte*”, especificamente, não pode ser deixado para o dia seguinte sem que isto *incorra em um pecado contra as Leis de Deus*, como, por exemplo, algo que *incorra em morte*. (2) É uma misericórdia? Se alivia o miserável de seu fardo ou dor, sim, ou, conforme o estudo de James Fisher: “*o que provê descanso e alívio, com moderação, para o corpo; a visitação de enfermos e a preparação e administração de remédios para os mesmos; alimentar o rebanho e salvar suas vidas do perigo; fazer a coleta para os pobres*”, o que deve ser feito “*no menor tempo possível*” ou ao fim do dia, “*e mantendo uma mente espiritual ao fazê-lo*”. Cozinhar longamente (mais do que o necessário

para se consumir o alimento de forma limpa e saudável), lavar roupas (mesmo com máquina elétrica), costurar, estudar para fins comuns, escrever mensagens, regar as hortas e pomares, passatempos e jogos são coisas previsíveis e controláveis que podem ser feitas nos dias comuns, e, na maioria dos casos, apenas por costume, aparência ou hipocrisia se propõem como tarefas de *necessidade*. Tenha também em mente que o alvo não é uma obediência formal, ou fazer o mínimo possível evitando ofender sua “*liberdade pessoal*”, e sim propor no coração dedicar-se ao Senhor com todas as suas forças, toda a sua mente, todo o seu coração. Sempre será melhor lançar sementes espirituais, de manhã e de tarde, esperando no Senhor, não sabendo qual Ele prosperará, do que ser achado lento, preguiçoso ou negligente na mais importante de todas as obras desta vida, a saber, a busca pela Glória de Deus, na honra de Seu Santo Nome em todas as coisas, inclusive na salvação de nossas almas; que nosso zêlo seja informado pela Escritura Sagrada, mas que seja um santo zêlo que nos consuma por amor à Sua Casa.

Por último, a preparação para o Sabbath é importante. Em Thomas Vincent, lemos: “(1) *Devemos nos lembrar, antes que o dia chegue, de santificá-lo, de modo a terminarmos nossos negócios do mundo e ocupações durante a semana, e em tempo de nos apartarmos deles no fim da tarde de Sábado, e nos esforçarmos para preparar nossos corações para os deveres santos do Sabbath;* (2) *Na manhã do Sabbath, devemos começar o dia com Deus, em santa meditação sobre*

as obras da Criação Divina, e especialmente sobre as obras da redenção, as quais se completaram pela ressurreição de Cristo neste dia. Devemos ler as Escrituras e outros bons livros, no tempo disponível, para melhor nos amoldar ao mais público e solene culto. Especialmente devemos orar em secreto, e em família, pela presença de Deus nas Suas ordenanças, e que Deus possa assistir Seus ministros, que são Sua boca para nós, e nossa para Ele; e que Ele nos assista em uma verdadeira e sincera performance de nossos deveres públicos, para que alcancemos mais conhecimento, experiência e mortificação, maiores degraus de Graça e mais comunhão com Deus.”

Então, “depois dos exercícios públicos de culto a Deus, o trabalho do Sabbath não acaba; mas devemos nos retirar para nossas famílias (não buscar nosso próprio prazer em passeios ou em companhia vã) e então repetir o que houvermos ouvido, ensinar o catecismo e instruir crianças e servos, cantar Salmos, orar com nossas famílias, e ainda que façamos uso moderado de algum descanso ou alegria da criação, devemos falar sobre as coisas de Deus. Devemos tomar tempo no fim do dia para nos retirarmos em segredo, e lá examinar a nós mesmos quanto ao portar-se de nosso coração diante de Deus durante o dia; trabalhar na meditação para receber a Palavra mais difundida em nossos corações; devemos nos esforçar para derramar nossos corações diante de Deus em oração secreta, humildemente confessando os pecados, fervorosamente e com fé solicitando o perdão e futuros suprimentos de graça, e louvando com gratidão a

Deus por todas as Suas misericórdias, especialmente por Seu Filho Jesus Cristo, e os privilégios do Evangelho que temos nEle por Ele. Nesta variedade de santos exercícios devemos gastar o Sabbath inteiro, que devemos fazer ser o mais longo que pudermos. E quando o dia findar, devemos desejar ardentemente pelo Sabbath nos céus, que nunca terá um fim.”

Foi assim que homens piedosos, século após século, desde os dias dos Apóstolos, santificaram o Dia do Senhor. Foi assim que a primeira Igreja que pregou o Evangelho em nossas terras no século XVI fazia: os Huguenotes. Assim também esta mesma combatente Igreja que derrotou as garras do Papa, e tornou possível que outra religião que não a Romana fosse pregada aqui, fazia, segundo o testemunho claro e firme dos Reverendos Robert Kalley, Hewitson, Charles Spurgeon, Francisco Jardim, João Manual e João Gomes no século XIX, na aurora do Evangelho no Brasil, e sucessivamente no avanço do Evangelho de Cristo por meio dos tempos até hoje. E assim, para que o nome de Deus seja Glorificado, e Seu poder em preservar e chamar um Povo para Si seja enunciado, devemos nós fazer.

